

Dexter F. H. Vieira

Controle Mental

**Efeitos nocivos das
religiões
extremistas**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vieira, Dexter Franz Hunter

Controle mental : efeitos nocivos das religiões
extremistas / Dexter Franz Hunter Vieira. --
Borda da Mata, MG : Ed. do Autor, 2020.

ISBN 978-65-00-10501-8

1. Relatos pessoais 2. Religião 3. Retidão 4. Vida cristã
5. Vieira, Dexter Franz Hunter I. Título.

20-46634

CDD-243

Índices para catálogo sistemático:

1. Religião : Extremismo : Relatos : Cristianismo
243

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

SUMÁRIO

Introdução	05
Capítulo 01: Nós contra eles	06
Capítulo 02: Esqueça o Natal	11
Capítulo 03: Minha opinião é não opinar	16
Capítulo 04: Infeliz aniversário	20
Capítulo 05: O meu “1984”	26
Capítulo 06: Entre a arma e a flor	30
Capítulo 07: Objetos e pessoas do mau	34
Capítulo 08: Não se junte a escória	39
Capítulo 09: Prefiro a morte	43
Capítulo 10: Novas luzes	47
Capítulo 11: Não sou de Babilônia	51
Capítulo 12: Religião empresa	55
Capítulo 13: A utopia	60
Capítulo 14: Deus pode saber, mas prefere não	64
Capítulo 15: Não sou teu Pai	69
Capítulo 16: Jesus: Sua morte e ressurreição	73
Capítulo 17: É proibido, mas para o seu bem	77
Capítulo 18: Chegou o fim! “Peraí”, ainda não... ..	85

Capítulo 19: Armagedom: a arma do medo	90
Capítulo 20: A minha liberdade cristão	95
Agradecimentos especiais	99

INTRODUÇÃO

Nessa obra vou abordar como uma religião ou seita extremista influencia a vida de seus adeptos de modo nocivo, trazendo males mentais, sociais, financeiros entre outros. Vou contar sobre a história da minha libertação e as sequelas que ficam por toda a vida.

Fui membro de uma religião extremistas por mais de trinta anos e quero repartir com vocês um pouco das minhas frustrações, da minha alienação mental enquanto membro da religião, meu processo de libertação e como ainda hoje sou prejudicado por esse longo período de controle mental.

Espero que minha história seja de ajuda para outros, que assim como eu, estão entre a “cruz e a espada”; onde sempre se perde não importa qual decisão tomemos. Eu escolhi a favor de minha liberdade cristã; as consequências podem ser a perda de “amizades” e ter minha reputação manchada por mentiras e devaneios de mentes controladas por líderes religiosos sádicos pelo poder, patenteadores do amor de Deus.

Dexter Franz Hunter Vieira

Brasil, Setembro de 2020

CAPÍTULO 01

NÓS CONTRA ELES

Em 2020 o mundo passa por um período de quarentena e/ou isolamento social por causa de uma pandemia. Quem vive em uma seita ou religião extremista, apesar de também sofrer nesse período, apenas replicou em larga escala o que já vivia anteriormente. Os líderes dessas religiões pregam exaustivamente que as boas companhias são apenas aquelas dos membros da religião e que até mesmo dentro ainda se deve escolher com quem associar efetivamente, pois existem aqueles que não cumprem as regras de modo correto.

Sofri praticamente a minha vida inteira com esse tipo de ideia. No meu período de infância eu não entendia bem a respeito disso; mas nunca tive a companhia de meus colegas de escola ou um amigo de verdade. Já no fim da infância e início da adolescência tinha apenas um amigo, que também era da religião, às vezes brincávamos com outras crianças, mas na maioria das vezes não, pois já tínhamos aquele senso de não nos misturar com as pessoas do mundo (os mundanos). No final da minha adolescência foi quando eu mais quebrei essa "orientação", tinha amigos que saía algumas vezes que não pertenciam a religião. Já lá dentro não me identificava com os jovens de minha idade (que eram poucos); na maioria do tempo tive uma vida carente de contatos sociais. Era incentivado a me "alargar" por buscar amizades com pessoas de todas as idades, mas essa não é uma ideia atrativa para qualquer adolescente (pelo menos para grande maioria).

No começo de minha vida adulta fui treinando para assumir responsabilidades dentro da religião e a amizade com pessoas "de fora" me atrapalharia a alcançar os desejados "cargos de supervisão" (semelhantes a diáconos e pastores).

A única convivência constante que tinha com pessoas "de fora" era com parentes mais próximos (avós, tios e alguns primos), mas também de certa forma limitado, pois não ia em suas festas de aniversário, natalinas, de ano novo ou outras que julgasse impropriedade.

Com os colegas de trabalho tinha uma relação limitada, não participando em alguns eventos alegando consciência religiosa. Quando ia numa festa da empresa sempre me sentia incomodado por estar lá, não me divertia, encarava apenas como uma "obrigação" para não desagradar as pessoas do trabalho; e sempre de maneira oculta dos demais membros da religião (os mais exaltados iriam dizer para eu temer a Deus antes de homens).

Quando me tornei "pastor" tinha que fazer discursos ou explicar materiais que já vinham prontos da sede mundial da religião e além de repassá-las para os fiéis eu mesmo era doutrinado enquanto "ensinava": "más associações estragam hábito úteis, mas elas não são apenas as pessoas que fazem maldades, são também aquelas que podem te desviar do santo caminho de Deus por não incentivá-lo. E onde estão as pessoas que te incentivam a continuar a trilhar o caminho da vida eterna? Apenas em nossa religião. Assim todos que não fazem parte dela são más companhias."

Não importava se a pessoa era devota a Deus, segue os mandamentos da Bíblia e de Cristo, se ela não fosse um membro da religião era má companhia ou um mundano.

Em resumo surgia em nós o sentimento de sermos pessoas especiais, selecionadas, "apartadas do mundo", e que a maneira de demonstrar amor pelos outros era divulgar a eles as "verdades" bíblicas através da única religião verdadeira na face da Terra.

Se sentir protegido pelo grupo é algo que dá segurança: "tive que defender minha fé no trabalho (escola) e fui humilhado por alguns colegas; meu marido (ou esposa) descrente não entende que o que faço é o melhor para nossa família; meus vizinhos dizem que vão perder a competição de rua mais bonita e enfeitada no Natal da cidade porque nossa casa é a única que não está enfeitada..." "Parabéns por sua coragem, Deus certamente está contigo e você tem a aprovação de todos nós, "seus verdadeiros amigos"; aqueles que viverão a eternidade contigo."

No meu trabalho voluntário como "pastor" uma das obrigações era visitar membros em suas casas (ou em outro local apropriado) para observar como eles estavam se sentindo em sua "relação com Deus e a religião", se tinham algo que os incomodavam ou até mesmo pecados ocultos a confessar. Nessas visitas uma das maiores reclamações era o sentimento de solidão, membros que não tinham amizades verdadeiras. Incentivava-os a buscar suas amizades entre os demais fiéis e que muitos tinham a mesma dificuldade. Seria coincidência? Claro que não! Escolher uma amizade verdadeira pode ser algo

difícil em um grupo mais amplo; em um fechado, com um número muito limitado de pessoas, mais ainda.

Com isso muitos dos membros não encontram uma amizade verdadeira dentro da religião, mas pelo menos existem ocasiões onde eles podem se encontrar: nas reuniões (cultos) religiosas ou em outros eventos sociais combinados entre famílias ou grupos de membros. Obviamente algumas amizades verdadeiras podem surgir, mas desde que você se mantenha como membro da religião, se desejar sair, encontrou outra fé ou foi expulso (desassociado, excomungado) não apenas perderá sua amizade, como também será evitado por todo grupo, afinal não faz mais parte de "nós" e sim "dos outros" (e do pior tipo dos "outros": daqueles que renegaram sua santa e imaculada fé.).

Desde que deixei de frequentar a religião (de ser membro do grupo) tive algumas raras ocasiões com alguns deles, mas pelo fato de serem parentes de minha esposa. Com a pandemia perdi quase todo o contato com eles também.

Mais de trinta anos de doutrinação me tornou uma pessoa solitária e mesmo liberto tenho dificuldades para fazer amizades ou me encaixar em outros grupos, não digo apenas religiosos, mas de modo geral. Acabo transferindo este problema ao meu filho também, que com seis anos não tem nenhum amiguinho. Como escrevo este texto em época de pandemia, espero minha mudança de atitude tanto para mim quanto para minha família no seu fim, de termos uma melhora em nossa vida social, eu ter pessoas em que eu possa confiar, além de minha esposa, e que meu filho possa ter uma

continuação de sua infância cheia de amiguinhos para ser uma criança feliz, apenas sendo criança...